

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**MUSEU E TEATRO COMO PRÁTICAS
DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Lauren Kleinert Londero

Santa Maria, RS, 21 de dezembro de 2007.

MUSEU E TEATRO COMO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

por

Lauren Kleinert Londero

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental**

Orientador: Prof. Dr. Jorge Orlando Cuéllar Noguera

Santa Maria, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**MUSEU E TEATRO COMO PRÁTICAS
DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

elaborada por
Lauren Kleinert Londero

como requisito parcial para a obtenção de grau de
Especialista em Educação Ambiental

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jorge Orlando Cuéllar Noguera
(Orientador)

Prof^a. Msc. Venice Teresinha Gring

Prof. Dr. Dionísio Link

Santa Maria, RS, 21 de dezembro de 2007.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao apoio da minha família, que sempre me incentivou a seguir em frente, sem desistir dos sonhos.

Agradeço à minha amiga Danieli Sanches Venturini, diretora do Museu Vicente Pallotti, pela oportunidade de realizar este projeto no acervo deste, além da sua imensa atenção e carinho.

Agradeço aos meus atores (Angela Rechia, Aristilda Rechia e Helquer Paez) por aceitarem mais um desafio e, principalmente, por me ajudarem com a parte inicial do projeto.

Também agradeço à Coordenadora Marlize, do Instituto Estadual Padre Caetano, pela acolhida atenciosa na escola, e às professoras e aos alunos das terceiras séries do ensino fundamental (turma 31 e 34 do ano letivo de 2007), pois sem eles este trabalho não teria sentido algum.

Por fim, agradeço de coração ao meu orientador Jorge Orlando Cuéllar Noguera pela paciência e disponibilidade que dedicou para que este trabalho chegasse até aqui. Muito obrigada!

LISTA DE FOTOS

Fotos 1 – “Vovó” contando a história “O Flautista Mágico” (03/05/2007)	21
Fotos 2 – “Lenhador” contando a história “A Raposa e o Lenhador” (03/05/2007)	22
Fotos 3 – “Formiga” contando a história “A Cigarra e a Formiga”	23
Fotos 4 – As duas turmas de terceira série do ensino fundamental do I. E. Padre Caetano (da manhã e da tarde, respectivamente) em visita ao Museu Vicente Pallotti (03/05/2007)	24
Fotos 5 – Apresentação de “A Raposa e o Lenhador” (turma da manhã e da tarde) (25/06/2007)	28
Fotos 6 – Apresentação de “A Cigarra e a Formiga” (turma da manhã e da tarde) (25/06/2007)	29
Fotos 7 – Apresentação de “O Flautista Mágico” (turma da manhã e da tarde) (25/06/2007)	29

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Primeira página do questionário aplicado aos alunos no dia 14 de maio de 2007	35
Anexo 2 – Segunda página do questionário aplicado aos alunos no dia 14 de maio de 2007	36
Anexo 3 – “O Flautista Mágico”	37
Anexo 4 – “A Raposa e o Lenhador”	42
Anexo 5 – “A Cigarra e a Formiga”	43

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Educação Ambiental
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

MUSEU E TEATRO COMO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

AUTORA: LAUREN KLEINERT LONDERO

ORIENTADOR: PROF. DR. JORGE ORLANDO CUÉLLAR NOGUERA

Local e Data da Defesa: Santa Maria, RS, 21 de dezembro de 2007.

Este trabalho reúne as experiências de práticas ambientais desenvolvidas no Instituto Estadual Padre Caetano (Santa Maria, RS) com alunos da terceira série do ensino fundamental. Foi desenvolvida uma metodologia de trabalho que utiliza a dinâmica do teatro como introdução a uma análise crítica dos problemas ambientais.

O acervo do Museu Vicente Pallotti e o teatro foram ferramentas para mostrar, através de contos infantis, a importância da boa relação entre os homens e entre homem-natureza, sensibilizando as crianças para a realidade do meio em que vivem.

No projeto trabalharam os Contadores de Histórias, que através de suas narrações, estimularam a percepção dos alunos, e, desta forma, foi possível a discussão das histórias em aula, o que, somado à criatividade das crianças, resultou em um teatro de fantoches.

Pode-se observar que através das histórias contadas pelos atores no Museu, houve a possibilidade de sensibilizar as crianças para a realidade em que estão inseridas e, desta forma, o teatro serviu de instrumento de informação e participação e o museu de apoio para a ação teatral, como forma lúdica.

Palavras-chave: museu, teatro, educação ambiental.

ABSTRACT

This work congregates the environment practical experiences developed in Instituto Estadual Padre Caetano (Santa Maria, RS) with pupils of the third series of basic education. It was developed a work methodology that uses the theater's dynamics as introduction to a critical analysis of the environment problems.

The quantity of Museu Vicente Pallotti and the theater had been tools to show, through infantile stories, the importance of the good relation between the men and man-nature, sensitizing the children for the reality of the way where they live.

In the project the Accountants of Histories had worked, that through its narrations, had stimulated the perception of the pupils, and, in such a way, the quarrel of histories in lesson was possible, what, added to the children's creativity, resulted in a theater of puppets.

It can be observed that through counted histories for the actors in the Museum, it had the possibility to sensitize the children for the inserted reality where they are and, in such a way, the theater served like instrument of information and participation and the museum like a support for the dramatic action, as playful form.

Key-words: museum, theater, environment education.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1.1 Problema	12
1.2 Objetivo Geral	12
1.3 Objetivos Específicos	12
1.4 Justificativa	12
CAPÍTULO 2: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1 A Educação Ambiental e a Escola	14
2.2 O Teatro Infantil na Escola	16
2.3 Percepção	18
2.4 A Ludicidade para as Crianças	19
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DE TRABALHO	20
3.1 Cronograma de Atividades	20
3.2 Desenvolvimento do Cronograma	20
3.2.1 1ª Parte do Projeto – As Crianças e os “Contadores de Histórias” no Museu Vicente Pallotti	21
3.2.2 2ª Parte do Projeto – Atividades na Escola	24
3.2.3 3ª Parte do Projeto – Espetáculos de fantoches criados e apresentados pelos próprios alunos	28
CAPÍTULO 4: CONCLUSÕES	30
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	32
ANEXOS	34

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A questão ambiental e a educação têm sido um dos temas discutidos nas agendas internacionais, principalmente, “Após a reunião do Clube de Roma em 1968 e a Conferência de Estocolmo em 1972.” (REIGOTA, 1995, p. 9).

A Declaração de Estocolmo sobre Meio Ambiente¹ (1972), em seu Princípio 19, prevê que

É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto as gerações jovens como os adultos, dispensando a devida atenção ao setor das populações menos privilegiadas, para assentar as bases de uma opinião pública bem informada e de uma conduta responsável dos indivíduos, das empresas e das comunidades, inspirada no sentido de sua responsabilidade, relativamente à proteção e melhoramento do meio ambiente em toda a sua dimensão humana.

Em 1977, foi realizada em Tbsili, na Geórgia (ex-URSS), a Primeira Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, que estabeleceu diretrizes, conceitos e procedimentos à Educação Ambiental, em nível mundial.

Mais tarde, a Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1992)², dispõe que “Os seres humanos estão no centro das preocupações como o desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza.” (Princípio 1), assegurando a todos cidadãos interessados, a *participação* nas questões ambientais, pois os Estados devem facilitar e estimular a conscientização e a participação pública, colocando a *informação* à disposição de todos (Princípio 10), destacando a participação dos *jovens* (Princípio 21).

No Brasil, a educação é assegurada pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, que estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a elaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e

¹ Silva, Geraldo Eulálio da. **Direito Ambiental Internacional: meio ambiente, desenvolvimento sustentável e os desafios da nova ordem mundial.** Rio de Janeiro: THEX Ed; Biblioteca Estácio de Sá, 1995.

² Ibid., 1995.

sua qualificação para o trabalho.” Ademais, incumbe ao Poder Público³ “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.” (Artigo 225, VI).

Vale lembrar que a Lei Federal n.º 6.938, de 31 de agosto de 1981, que dispõe sobre a política nacional do Meio Ambiente, objetiva

a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana, atendidos os seguintes princípios: (...) X – educação ambiental a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente. (Artigo 2º).

Segundo Leite e Ayala (2002, p. 260-261),

Fica explícita neste dispositivo a intenção do legislador de conscientizar a comunidade por meio da educação ambiental para que a mesma se torne habilitada a participar ativamente na defesa ambiental. Percebe-se, então, a educação ambiental como sendo um verdadeiro pressuposto para a defesa do meio ambiente realizada pela comunidade.

Baseado nos trechos citados acima, necessário se faz a promoção integrada da educação ambiental como instrumento pedagógico, para a construção da cidadania, através da participação da comunidade escolar, especialmente alunos, na preservação do meio ambiente. E é neste âmbito que será visado o trabalho lúdico do teatro, inclusive no espaço do museu, para a sensibilização dos alunos de terceira série do ensino fundamental do Instituto Estadual Padre Caetano, de Santa Maria – RS.

³ O artigo 251, §1º, da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul determina que *Para assegurar a efetividade desse direito, o Estado desenvolverá ações permanentes de proteção, restauração e fiscalização do meio ambiente, incumbindo-lhe, primordialmente: (...) IV – promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a proteção do meio ambiente.* A Lei Estadual n.º 11.520, de 03 de agosto de 2000, que institui o Código Estadual do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul, dispõe, em seu artigo 27, sobre Educação Ambiental.

1.1 Problema

No Instituto Estadual Padre Caetano não existe um trabalho que utilize nem o museu nem o teatro como forma de análise crítica dos problemas ambientais em crianças da terceira série do ensino fundamental.

1.2 Objetivo Geral

Através de análises críticas em intervenções teatrais no museu, mostrar, através de contos infantis, a importância da boa relação entre os homens e entre homem-natureza, sensibilizando as crianças para a realidade do meio e que vivem.

1.3 Objetivos Específicos

1.3.1 Trabalhar de forma crítica, no Museu Vicente Pallotti, com as crianças das séries iniciais, a relação homem-natureza;

1.3.2 Discutir os temas das histórias e fazer com que as crianças criem suas próprias versões das mesmas em sala de aula;

1.3.3 Avaliar o trabalho desenvolvido.

1.4 Justificativa

A importância do projeto proposto justifica-se pela necessidade de se trabalhar a Educação Ambiental, a partir do ensino fundamental, objetivando a construção da cidadania, através da educação, como instrumento de participação, sob o olhar de visita ao museu e práticas teatrais, que visem despertar o interesse das crianças à preservação do meio ambiente.

O teatro como instrumento de informação e participação, visa incentivar os alunos a interagirem com a comunidade escolar, bem como a difusão do tema

ambiental. E o museu faz-se aqui um apoio para a ação teatral, pois ilustra o que é dito, tornando-se uma prática lúdica.

É necessário que as crianças percebam o meio em que estão inseridos, a fim de despertá-los para a importância de preservar à presente e às gerações futuras. Vale ressaltar que a percepção é o primeiro passo para que as pessoas se conscientizem dos problemas sócio-ambientais, fazendo com que passem a inserir pequenas mudanças positivas em seu cotidiano, contribuindo para o bem estar global.

CAPÍTULO 2: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A Educação Ambiental e a Escola

Na América Latina, o Brasil é o único país que tem uma política nacional específica para a Educação Ambiental.⁴

No Brasil, a Lei Federal n.º 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, define educação ambiental como

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (artigo 1º)

Ademais, “é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.” (artigo 2º).

A educação ambiental no ensino formal é a “desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando educação básica, superior, especial, profissional e de jovens e adultos”, que será “desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”, sendo que “não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”. Contudo, “nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica”.

Nesse sentido, faz-se importante observar a efetividade do ensino formal, através da percepção⁵/sensibilização dos alunos de ensino fundamental, em

⁴ Ver DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental – princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004, p. 201.

⁵ “Identificar a percepção ambiental da comunidade escolar é o primeiro passo para se construir, através da educação ambiental, um novo indivíduo capaz de agir criticamente e transformar a nossa

ambiente urbano, porque é nesse espaço que se encontra a maioria da população e onde estão concentrados os maiores problemas de degradação ambiental.

Além disso, Dias (2004, p. 227) complementa explicando que

Os ecossistemas urbanos, segundo Odum (1985), diferem muito dos ecossistemas heterotróficos naturais, uma vez que apresentam um metabolismo muitas vezes mais intenso por unidade de áreas, e exigem, com isso, um influxo maior de energia, acompanhado de mais entradas de materiais e saída de resíduos.

Por outro lado, a educação ambiental não-formal são “as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente”.

Contudo, “A educação ambiental não deve se preocupar em transmitir conhecimentos mas sim em produzir conhecimentos, considerando que não aprendemos do outro mas com o outro, criando com ele.” (STENGERS apud BARCELOS, 1997, p. 37). E, de acordo com Reigota (1995, p. 28), “O desafio da educação ambiental é sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se vive confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais”.

Em outras palavras, pode-se considerar a Educação Ambiental como um processo de construção do papel social de cada indivíduo, dentro de suas comunidades, visando a melhoria da qualidade de vida e da estrutura da sociedade, ou até mesmo considerá-la um resgate de mudança de valores e comportamentos, buscando a integração do homem com o meio em que vive, o conhecimento interdisciplinar da natureza e da história e a discussão da percepção do homem sobre o mundo.

Na visão de Müller (s.d., p. 22),

A Educação Ambiental é uma forma de prática educacional sintonizada com a vida em sociedade. Ela só pode ser efetiva se todos os membros da sociedade participarem, de acordo com suas habilidades, das complexas e múltiplas tarefas de melhora das relações das pessoas com seu meio ambiente. Isto só pode ser alcançado se as pessoas se conscientizarem do seu envolvimento e de suas responsabilidades.

Por conseguinte, é fundamental a participação da escola – principalmente desde o ensino infantil ou das primeiras séries do ensino fundamental – no processo de construção de conhecimento, valores e atitudes, voltados para a temática ambiental, promovendo, assim, a conscientização e ações de engajamento da comunidade escolar, na defesa de um meio ambiente ecologicamente equilibrado e essencial à sadia qualidade de vida, às presentes e futuras gerações.

2.2 O Teatro Infantil na Escola

Criança gosta de brincar. Tanto isto é verdade que, quanto estão na escola, a “melhor hora” para a maioria delas é a hora do intervalo, onde irão se divertir, colocar a imaginação para funcionar.

Considerando todo este contexto, pode-se dizer o teatro infantil é um instrumento muito importante quando o assunto é aprendizado, pois a ludicidade e poder de imaginação do teatro fazem com que as crianças absorvam o conhecimento de maneira divertida, sem sequer notarem estar aprendendo. Na verdade, a relação imaginação-aprendizagem é mais ou menos definida por uma frase de Albert Einstein quando diz que “A imaginação é mais importante do que o conhecimento: o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abarca o mundo inteiro.”, o que também é uma forma de justificar que quando temos a capacidade de imaginar (e isso as crianças têm de sobra), o conhecimento acaba por nos chegar de forma mais prazerosa.

Porém, vale salientar, que em nossa sociedade, a maioria das pessoas que procura o teatro não está em busca de “ativar sua imaginação”, mas sim – o que também não é ruim – de perder a timidez, de aperfeiçoar sua maneira de se expressar diante das demais pessoas de um grupo, enfim, podem ser vários os motivos pelos quais se procura essa arte milenar para melhor se integrar com os demais do seu meio. E isso também vale quando o teatro é inserido na escola, como nos explica Camargo (2003, p. 39):

O teatro, no ensino fundamental, proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança e do adolescente sob vários aspectos. No plano individual, proporciona o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas; no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, oferece o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito

mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia, como resultado de poder agir e pensar com maior “liberdade”.

Contudo, pode-se dizer que o desenvolvimento de instrumentos metodológicos, como a inserção das artes cênicas no processo de educação ambiental, através da apresentação de espetáculos teatrais, como estratégias de ensino, busca promover o conhecimento, atitudes e valores na preservação do meio onde as crianças estão inseridas. Pode-se citar Capra (2003, p. 24-25) para completar este raciocínio, pois ele ensina que

Não há praticamente nada mais eficaz que as artes (as artes visuais, a música, as artes cênicas) para desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem.

Complementando os ensinamentos de Capra, Santos (2001, p. 33) reforça dizendo que

A educação através da arte desenvolve na pessoa aptidões de aprendizagem e de posicionamento sensível e crítico, que a tornam não só um agente transformador de si mesmo, mas também, de seu meio ambiente e nesse sentido, a escola é o espaço ideal onde o indivíduo desenvolve o exercício da cidadania.

Outros autores também colocam suas observações sobre a importância de se utilizar a arte como instrumento metodológico de ensino, como é o caso de Silva e Sammarco (2004, p. 62), que afirmam que a “arte-educação deve refletir o contexto social emergente, procurando sensibilizar para a mudança de atitudes de hábitos necessários de cada tempo/época.” Vale salientar, igualmente, que a arte é importante no desenvolvimento do sentido de posse e identidade em relação ao meio ambiente, sendo utilizada como um meio de intensificar experiências, influenciar a percepção, permitindo aos estudantes que reflitam sobre a experiência adquirida e possam processá-la para que faça sentido. (ADAMS apud BARBOSA, 1998). Ademais, a construção de conceitos e o desenvolvimento de habilidades devem ser realizados de forma prazerosa pela criança, afinal, como diz Gutierrez (1984, p. 148-149), “...alegria na ação é um dos mais importantes reforços de ser humano.”

Desta forma se faz necessário estimular a iniciativa dos alunos, com a introdução de estratégias de ensino, em que valorizem a participação destes na construção do senso crítico, através da observação da realidade escolar, no contexto da sociedade, utilizando a arte como meio de aprendizagem e como forma de expressão individual ou coletiva diante da sociedade em que se está inserido.

2.3 Percepção

“A percepção define-se como processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos.” (Linda L. Davidoff)⁶

Com base na citação anterior, pode-se dizer que identificar a percepção ambiental da comunidade escolar, como lembra Cavedon *et all.* (2004, p. 66), é o primeiro passo para se construir, através da educação ambiental, um novo indivíduo capaz de agir criticamente e transformar a nossa realidade; isto implica, portanto, em primeiramente sugerir estímulos para que esta percepção seja aguçada (como foi o caso dos “Contadores de Histórias” nesse projeto).

Branco (2003, p. 34) também explica que

Pretende-se chegar à aprendizagem, não só através do ensino teórico, mas também fundamentalmente, por meio de atividades práticas, com vistas à melhoria da percepção dele no ambiente. E, então, somente a partir daí – de seu “perceber-se na ação” – é que se poderá construir e conquistar a cidadania.

O “perceber-se na ação” é, neste projeto, um dos itens de fundamental importância, pois a intenção de mudar aquilo que não está bem em nossa sociedade deve partir do próprio indivíduo que, percebendo-se neste meio, passa a agir em favor do mesmo. Além disso, é a percepção que desencadeará o pensamento crítico nos alunos, estimulando-os a pensar de forma criativa e buscar soluções práticas para as questões desfavoravelmente percebidas. E Michel (1979, p. 76) já dizia que “Pensar criativamente quer dizer: dar corda à imaginação, prever, intuir, criar novos enfoques, encontrar novas soluções. O pensamento crítico unido ao pensamento

⁶ Citação retirada do site: <<http://www.overmundo.com.br/banco/vamos-brincar-de-percepcao>> no dia 07/11/2007.

criativo constituem um poderoso instrumento para captar a realidade e transformá-la.”.

No entanto, pode-se notar que sem a percepção do que acontece no meio em que se vive, não é possível refletir e ser crítico; e sem a reflexão e a crítica, torna-se impossível a iniciativa de se mudar a sociedade a qual se está inserido.

2.4 A Ludicidade para as Crianças

A criança é um ser social, que nasce com capacidades afetivas e cognitivas, tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas, de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente ampliando suas relações sociais, interações e forma de comunicação. Logo, para se desenvolver, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece na sociedade já que as aprendizagens acontecem na interação com outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças.

O trabalho que foi proposto nesse projeto diz respeito à visita ao museu, onde as crianças puderam conhecer os animais que foram tratados nas histórias (contadas pelos “Contadores de Histórias”), à utilização das artes plásticas (confeção dos fantoches) e à criação cênica (montagem de uma apresentação de teatro de bonecos). Com a utilização destes elementos lúdicos, a criatividade foi aflorada nas crianças, fazendo com que se expressassem através de desenhos, de fantoches, enfim, de suas próprias criações.

Assim já dizia Alvez (apud DIAZ-ROCHA, 1999, p. 6): “A grande questão que é colocada à educação é a possibilidade que se lhe abre de invadir uma realidade dada com novos objetos de linguagem, capazes de fazer explodir a ação criativa”.

Utilizando esta metodologia lúdica de trabalho, as crianças têm a oportunidade de se expressar através daquilo que realmente percebem das situações que lhe são oferecidas, reunindo aprendizado, forma de expressão e diversão em uma única atividade.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DE TRABALHO

3.1 Cronograma de Atividades

Veamos no quadro, a seguir, o cronograma de atividades propostas para o desenvolvimento deste projeto.

1) Ensaio com os atores (Contadores de Histórias).	15/04/2007
2) Ir ao Instituto Padre Caetano convidar as crianças para o participarem do projeto.	23/04/2007
3) Marcar o dia e o horário para a visita ao Museu Vicente Pallotti.	23/04/2007
4) Ensaio com os atores no Museu Vicente Pallotti.	23/04/2007
5) 1ª Parte do Projeto – As crianças e os “Contadores de Histórias” no Museu Vicente Pallotti.	03/05/2007
6) Início da 2ª Parte do Projeto – Atividades na Escola: a) dividir a turma em três grupos; b) sortear as histórias a serem trabalhadas por cada grupo; c) aplicar um questionário (<i>Anexo 1 e 2</i>) sobre as histórias, as quais os alunos discutirão em grupo, escreverão suas percepções a cerca das mesmas e farão um desenho.	14/05/2007
7) Cada aluno deverá desenhar seu personagem no papel e começar a construí-lo (criar fantoche) com os materiais solicitados.	31/05/2007
8) Terminar a confecção dos fantoches e, um do grupo, escrever em uma folha os nomes dos integrantes do grupo com o(s) respectivo(s) personagem(ns) e, em outra folha, montar, com a ajuda de todo o grupo, um roteiro (com narrações, diálogos) para ser apresentado.	14/06/2007
9) Ensaio das apresentações.	21/06/2007
10) 3ª Parte do Projeto – Espetáculos de fantoches criados e apresentados pelos próprios alunos.	25/06/2007

3.2 Desenvolvimento do Cronograma

As quatro primeiras atividades: “1) Ensaio com os atores (Contadores de Histórias)”; “2) Ir ao Instituto Padre Caetano convidar as crianças para o participarem do projeto”, “3) Marcar o dia e o horário para a visita ao Museu Vicente Pallotti”; e “4) Ensaio com os atores no Museu Vicente Pallotti” foram desenvolvidas conforme as datas previstas.

As demais atividades apresentadas no Cronograma de Atividades são divididas em três partes ou etapas, que serão descritas logo a seguir.

3.2.1 1ª Parte do Projeto – As Crianças e os “Contadores de Histórias” no Museu Vicente Pallotti

É nesta “1ª Parte do Projeto” que foi desenvolvido o item 5 do Cronograma de Atividades proposto.

No dia 03 de maio de 2007, duas turmas de terceira série do Instituto Estadual Padre Caetano fizeram uma visita ao Museu Vicente Pallotti, onde, além de conhecerem o acervo, ouviram contos dos “Contadores de Histórias” (três atores), que se dispuseram em algumas salas do Museu, caracterizados de “Vovó”, “Lenhador” e “Formiga”. Estas personagens faziam parte das histórias, pois, mesmo que não fossem personagens das mesmas, “vivenciaram-nas” de perto, o que tornou estes contos mais “reais” aos olhos das crianças.

A “Vovó” (Aristilda Rechia), por exemplo, era uma senhora que fazia parte do povo da cidadezinha alemã da história “O Flautista Mágico”; o “Lenhador” (Helquer Paez), que contou “A Raposa e o Lenhador”, falou da história de um amigo seu, um outro lenhador; e a “Formiga” (Angela Rechia), que narrou a história “A Cigarra e a Formiga”, era também uma amiga da formiga que teve contato com a preguiçosa cigarra.

A “Vovó” contou-lhes a história “O Flautista Mágico” (*Anexo 3*), que trata sobre uma cidade que é invadida por ratos – o que foi possível trabalhar mais tarde com os alunos sobre o descaso com o lixo em nossa cidade e os males que este pode causar – e sobre a mentira (pois o prefeito da história é um mentiroso e um caloteiro), o que possibilitou o trabalho sobre o comportamento das pessoas.





Fotos 1: “Vovó” contando a história “O Flautista Mágico” (03/05/2007).

O “Lenhador” contou-lhes a história “A Raposa e o Lenhador” (*Anexo 4*), que, além de abordar a questão sobre o desmatamento – apenas corte de árvores de plantio – tratou sobre a questão da confiança entre as pessoas.



Fotos 2: “Lenhador” contando a história “A Raposa e o Lenhador” (03/05/2007).

E a “Formiga” contou-lhes a conhecida história “A Cigarra e a Formiga” (*Anexo 5*), que também aborda uma questão de comportamento, pois quem

trabalha, é esforçado, alcança seus objetivos, além da bondade, pois o final da história foi modificado, tendo a formiga compaixão da cigarra e deixando-a passar o inverno em sua casa.



Fotos 3: “Formiga” contando a história “A Cigarra e a Formiga” (03/05/2007).

As três histórias, como foi possível perceber, trataram, direta ou indiretamente, sobre comportamentos humanos vistos em nosso dia-a-dia; e esta foi a pauta principal para o trabalho com os alunos: a sensibilização do quanto as nossas ações e comportamentos podem influenciar no bem-estar do meio em que vivemos.

Além de contarem as histórias, os personagens acompanharam os alunos durante a visita ao museu, ajudando a explicar, cada um ao seu modo (“experiências de personagem”), o que era visto nas diferentes salas.



Fotos 4: As duas turmas de terceira série do ensino fundamental do I. E. Padre Caetano (da manhã e da tarde, respectivamente) em visita ao Museu Vicente Pallotti (03/05/2007).

3.2.2 2ª Parte do Projeto – Atividades na Escola

Nesta segunda etapa foram desenvolvidos os itens do Cronograma de Atividades número “6) Início da 2ª Parte do Projeto – Atividades na Escola: a) dividir a turma em três grupos; b) sortear as histórias a serem trabalhadas por cada grupo; c) aplicar um questionário (*Anexo 1 e 2*) sobre as histórias, as quais os alunos discutirão em grupo, escreverão suas percepções a cerca das mesmas e farão um desenho.”; “7) Cada aluno deverá desenhar seu personagem no papel e começar a construí-lo (criar fantoche) com os materiais solicitados.”; “8) Terminar a confecção dos fantoches e, um do grupo, escrever em uma folha os nomes dos integrantes do grupo com o(s) respectivo(s) personagem(ns) e, em outra folha, montar, com a ajuda de todo o grupo, um roteiro (com narrações, diálogos) para ser apresentado.”; e “9) Ensaio das apresentações.”.

⇒ Dia 14 de maio de 2007 (item 6):

Em sala de aula, cada turma foi dividida em três grupos; para cada grupo foi sorteado uma das histórias contadas. Cada grupo deveria reconhecer os elementos da “sua” história, discuti-los e fazer um desenho de uma parte desta história.

Vale salientar que neste dia todos os alunos desenvolveram bem a atividade proposta e foram avisados que no próximo encontro deveriam trazer tesoura, cola e outros materiais (papel, isopor, plástico) para começar a confeccionar os fantoches.

Percepções sobre as turmas:

a) Turma da manhã: Turma 31

Apenas um aluno da turma da manhã, inicialmente, não se propôs a desenvolver a atividade, pois se queixava de dores de cabeça e escondia-se ao fundo da sala. Percebi que o motivo não era simplesmente uma dor de cabeça, mas sim que ele estava com vergonha de unir-se ao grupo e desenvolver uma atividade um tanto “infantil” – tinha medo que os demais rissem dele. Após uma longa conversa, um remédio pra dor de cabeça e algumas folhas de papel e lápis coloridos, ele, individualmente, começou a desenhar, e mostrou-me que realmente gostava do que fazia. Mais tarde ele juntou-se ao seu grupo e ao final da aula deu-me um desenho que havia feito fora do solicitado em aula.

Outro menino, da mesma turma, parecia ter um dom especial para desenhar. Ele ficou muito animado quando soube que tinham que fazer um desenho no questionário e mostrou-me seu caderno. Lá havia vários desenhos de homenzinhos e meninos, de lutas, etc.. No entanto, pude confirmar que este garoto tem uma firmeza de traço superior ao normal para a sua idade.

Havia nesta mesma turma uma menina com necessidades especiais e dois ou três alunos com idade superior à normal para 3ª série do ensino fundamental (8-9 anos), ou seja, tinham em torno de 12-13 anos – interesses um pouco diferentes do restante dos alunos. Na turma houve algumas picuinhas, principalmente entre os meninos e as meninas, o que, às vezes, prejudicou o andamento da aula.

b) Turma da tarde: Turma 34

Nesta turma, assim como na da manhã, havia uma menina de 15 anos com problema mental – ela possuía maior dificuldade de aprendizagem que os demais. Aparentemente esta turma parecia mais atrasada que a da manhã (crianças com poder de assimilação mais lento – o que, segundo a professora, se dava porque a

maior parte dos alunos não possuía uma boa alimentação em casa – para alguns a única refeição que possuíam era o lanche que a escola proporcionava).

Havia um menino que implicava com todos outros meninos e quando a professora se ausentava, ele impunha-se sobre os demais (tipo manda-chuva e briguento – isso que a professora garantiu que ele já está 90% melhor do que era).

⇒ Dia 31 de maio de 2007 (item 7):

No início deste encontro, foi-se discutido sobre os problemas encontrados nas histórias (cada aluno falou o que havia percebido de cada história – o problema dos ratos (lixo), da falta de confiança, da preguiça e o que isso prejudicava a nós mesmos, àqueles que convivem conosco, etc.) e estimulou-se a criatividade dos alunos com o início da confecção de fantoches.

Cada aluno deveria desenhar seu personagem no papel e começar a construí-lo (criar fantoche) com os materiais solicitados na aula passada. Levei diversos materiais que pudessem ajudar no processo de criação deles, como espetinhos de churrasco, palitos, tecidos, algodão, tintas, etc..

A turma da manhã estava extremamente agitada neste dia. Um menino não queria trabalhar – creio que se desentendeu com alguns do grupo (ainda antes da minha chegada à sala) e afastou-se. Somente quando começamos a criar os fantoches é que o convenci a voltar à atividade. Ajudei-o a criar uma formiga e a partir daí, outros vieram me pedindo para arrumar seus bonecos, a ajudá-los a torná-los mais “bonitos” – havia muita competitividade na turma. Após o trabalho, a sala ficou numa anarquia.

A turma da tarde também estava mais agitada, mesmo assim foi mais organizada que a da manhã. Entraram três meninos novos na turma, que logo foram encaixados nos grupos. Também, a turma foi mais organizada para escolher seus personagens e mostraram maior criatividade, pois, alguns alunos criaram bonecos extras, ou decidiram ser, por exemplo, “a casa da formiga”, “as árvores da floresta”, etc.. Segundo eles, adoraram trabalhar na confecção dos fantoches.

⇒ Dia 14 de junho de 2007 (item 8):

Nesta data, os alunos deveriam terminar a confecção dos fantoches e, um do grupo, deveria escrever em uma folha os nomes dos integrantes do grupo com o(s) respectivo(s) personagem(ns) e, em outra folha, montar, com a ajuda de todo o grupo, um roteiro (com narrações, diálogos) para ser apresentado. Logo, além da criação dos personagens das histórias, o texto para a encenação da peça de fantoches foi sendo criado e escrito pelos próprios alunos.

No turno da manhã, a turma estava extremamente agitada, pois não haviam tido intervalo (sairiam mais cedo, às 11:10). Neste dia houve muitas brigas entre colegas e desorganização.

Poucos foram os alunos que se propuseram à atividade. Muitos sequer haviam trazido os bonecos para acabá-los, outros, alegaram que os irmãos menores os haviam destruído, etc. Uma menina já estava com dor de cabeça. Enfim, havia uma desconcentração geral nesta turma. Ao final da aula, tive que ter uma conversa com a turma. Pedi para que refletissem se queriam que eu voltasse, já que só fizeram baderna e a atividade não havia rendido. Alguns ficaram mudos, outros pediram para que eu voltasse. A professora então pediu para que trouxessem os bonecos antes do dia 21/06 (próximo encontro).

A turma da tarde estava mais concentrada e bastante participativa e foi possível ver esboços das criações de peças de fantoches dos alunos.

⇒ Dia 21 de junho de 2007 (item 9):

Nesta data foi trabalhado o item 9, ou seja, o “Ensaio das apresentações”.

A turma da manhã continuava agitada (um pouco menos que no encontro anterior), e alguns alunos, sentindo chegar a “pressão” da apresentação, se negaram a desenvolver a atividade; mesmo assim, a maioria estava disposta a apresentar e acabou gostando do ensaio. Cada grupo teve tempo de apresentar para os próprios colegas pelo menos duas vezes a sua peça de fantoches e como alguns alunos faltam à aula, os do grupo destes os substituíram, fazendo dois ou até três personagens.

Na parte da tarde tudo ocorreu tranqüilamente. Os alunos estavam mais organizados que os da manhã, e apresentaram (ensaiaram) para os colegas três vezes (cada grupo). Já estavam ansiosos pelo dia da apresentação.

3.2.3 3ª Parte do Projeto – Espetáculos de fantoches criados e apresentados pelos próprios alunos

Nesta parte foi desenvolvida a décima atividade do Cronograma de Atividades.

No dia 25 de junho de 2007, após quase dois meses de encontros quinzenais, ambas as turmas, da manhã e da tarde, apresentaram seus resultados finais: os espetáculos de fantoches criados por eles.

A turma da manhã, mesmo estando agitada e um pouco desorganizada, estava muito disposta a apresentar. No entanto, devido à desorganização no início da aula, sobrou pouco tempo para as apresentações. Foi possível fazer somente uma apresentação, que teve como público duas turmas de pré-escola.

A turma da tarde organizou-se rapidamente no início da aula e conseguiram fazer três sessões. Tiveram como público duas turmas de pré-escola e duas turmas de primeira série.



Fotos 5: Apresentação de “A Raposa e o Lenhador” (turma da manhã e da tarde) (25/06/2007).



Fotos 6: Apresentação de “A Cigarra e a Formiga” (turma da manhã e da tarde) (25/06/2007).



Fotos 7: Apresentação de “O Flautista Mágico” (turma da manhã e da tarde) (25/06/2007).

CAPÍTULO 4: CONCLUSÕES

Durante o período de trabalho com as turmas de terceira série do ensino fundamental do Instituto Estadual Padre Caetano se observou que, em geral, as crianças estiveram muito dispostas a realizar todas as atividades propostas.

Na visita ao Museu Vicente Pallotti, os alunos tiveram interesse em ouvir e entender as histórias, assim como igualmente se interessaram em perguntar sobre o acervo no museu (buscar informações sobre aquilo que não conheciam). O que coloco como muito importante foi que o museu proporcionou uma ludicidade diferente, pois, além dos atores contarem as histórias num ambiente novo para a maioria destas crianças, os alunos que não conheciam os animais os quais eram citados nas histórias, puderam conhecê-los ali (ratos, ratazanas, raposa, formiga e cigarra).

Nas discussões em sala de aula sobre as histórias contadas pelos “Contadores de Histórias”, muitos aspectos da vida cotidiana surgiram, partindo da percepção dos próprios alunos, como, por exemplo, a questão do lixo – como o lixo é encarado no meio em que vivemos, de que forma este pode prejudicar a nossa saúde, o nosso bem-estar, no que prejudica a relação entre as pessoas –, a questão do comportamento do homem, que interfere diretamente na relação de boa convivência com os demais de uma sociedade, entre outros assuntos abordados (desmatamento, poluição das águas, animais em extinção – a própria raposa inclusive). Tornou-se muito mais fácil trabalhar com estes aspectos, já que os alunos se interessavam pelos mesmos e dependiam desses itens para criar e contar as suas próprias histórias com os fantoches.

Mesmo que o resultado das duas turmas tenha sido um pouco diferente – a turma da tarde mostrou-se, em geral, mais organizada para o trabalho, gerando um resultado melhor nas apresentações (ajudaram-se mutuamente para que o resultado final saísse de acordo com o que queriam) – pode-se colocar que a experiência foi válida para todos os alunos. Além disso, eles contavam os dias para que houvesse o próximo encontro, tamanha era a expectativa pela qual aguardavam para fazer um trabalho diferenciado da metodologia tradicional de sala de aula.

Contudo, pode-se julgar o trabalho gratificante, pois, além da satisfação das crianças, conseguiu-se finalizar todas as atividades propostas, chegando ao resultado desejado, que foi o de sensibilizar os alunos sobre o que se passa em nosso dia-a-dia e como fazer para melhorarmos o meio em que vivemos, prestando a atenção em nossas próprias ações para com os outros e para com o meio ambiente.

Recomenda-se que a escola crie programas de atividades de Educação Ambiental que envolvam a ludicidade, tal como foi o caso deste projeto, pois estas atividades diferenciadas da metodologia tradicional de ensino estimulam a criatividade dos alunos e auxiliam no processo de aprendizagem.

Uma das formas em que se pode trabalhar a educação ambiental com ludicidade, é ter aula no pátio da escola, onde existem árvores, pequenos animais (em geral, insetos) e as crianças podem entrar um pouco em contato com um outro meio para terem lições. O encontro pode começar com uma “pesquisa”, onde os alunos passem a anotar tudo o que estão observando ao seu redor – como um exercício de observação – que mais tarde será relatado aos demais e poderão ser discutidos os porquês dos objetos/seres observados estarem ali e/ou em determinada situação.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, Ana Mãe. **Tópicos e utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARCELOS, V. H. L.. **A educação ambiental e o cotidiano escolar**. Caderno de Extensão, UFSM, Vol. 2. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

BRANCO, Sandra. **Educação ambiental: metodologia e prática de ensino**. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.

Brasil. Constituição (1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Porto Alegre: Ordem dos Advogados do Brasil, Estado do Rio Grande do Sul, 1988.

Brasil. *Lei Federal nº. 6.938 de 31 de Agosto de 1981*. IN: **Legislação Brasileira do Meio Ambiente**. Organizado por Rogério Rocco. RJ: DP&A, 2002.

Brasil. **Lei Federal n.º 9.795 de 27 de abril de 1999**. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília.

CAMARGO, Maria Aparecida. **Teatro na escola: a linguagem da inclusão**. Passo Fundo: UPF, 2003.

CAPRA, Fritjof. *Alfabetização Ecológica: O Desafio para a Educação do Século 21*. IN: **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Coordenação André Trigueiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CAVEDON, Carolina Christimann; ASMUS, Gabriela Farias; VILAR, Knulp de Souza Prudente e SANTOS, Lisiane Gazola. 7. *As Múltiplas Concepções de EA em uma Comunidade Escolar*. IN: **Educação ambiental: vários olhares e várias práticas**. Eunice Aita Isaia Kindel, Fabiano Weber da Silva, Yanina Micaela Sammarco (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2004.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental – princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAZ-ROCHA, Paulo Ernesto. **Arte educação ambiental para uma cidadania político-participativa.** Disponível em: <www.umweltprogramme.de/meioambiente99/tema02/rocha/text.html>, acesso em 15/11/2000.

GUTIERREZ, F.. **Educación como práxis política.** México: Ed. Siglo Veintiuno, 1984.

LEITE, José Rubens Morato, AYALA, Patryck de Araújo. **Direito ambiental na sociedade de risco.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MICHEL, G.. **Aprender a aprender: guia de autoeducación.** 5. ed. México: Ed. Trillas, 1979.

MÜLLER, Jackson. **Educação ambiental: diretrizes para a prática pedagógica.** Porto Alegre: FAMURS, s.d.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1995.

Rio Grande do Sul. Lei nº 11.730, de 09 de Janeiro de 2002. Política Estadual de Educação Ambiental. Porto Alegre: **Governo do Estado do Rio Grande do Sul**, 2002.

SANTOS, Nadia Pötter dos. **Educação Ambiental e ensino de educação artística nas escolas municipais de Santa Maria – RS.** Monografia (especialização) – Universidade Federal de Santa Maria, 2001.

SILVA, Geraldo Eulálio da. **Direito Ambiental Internacional: meio ambiente, desenvolvimento sustentável e os desafios da nova ordem mundial.** Rio de Janeiro: THEX Ed; Biblioteca Estácio de Sá, 1995.

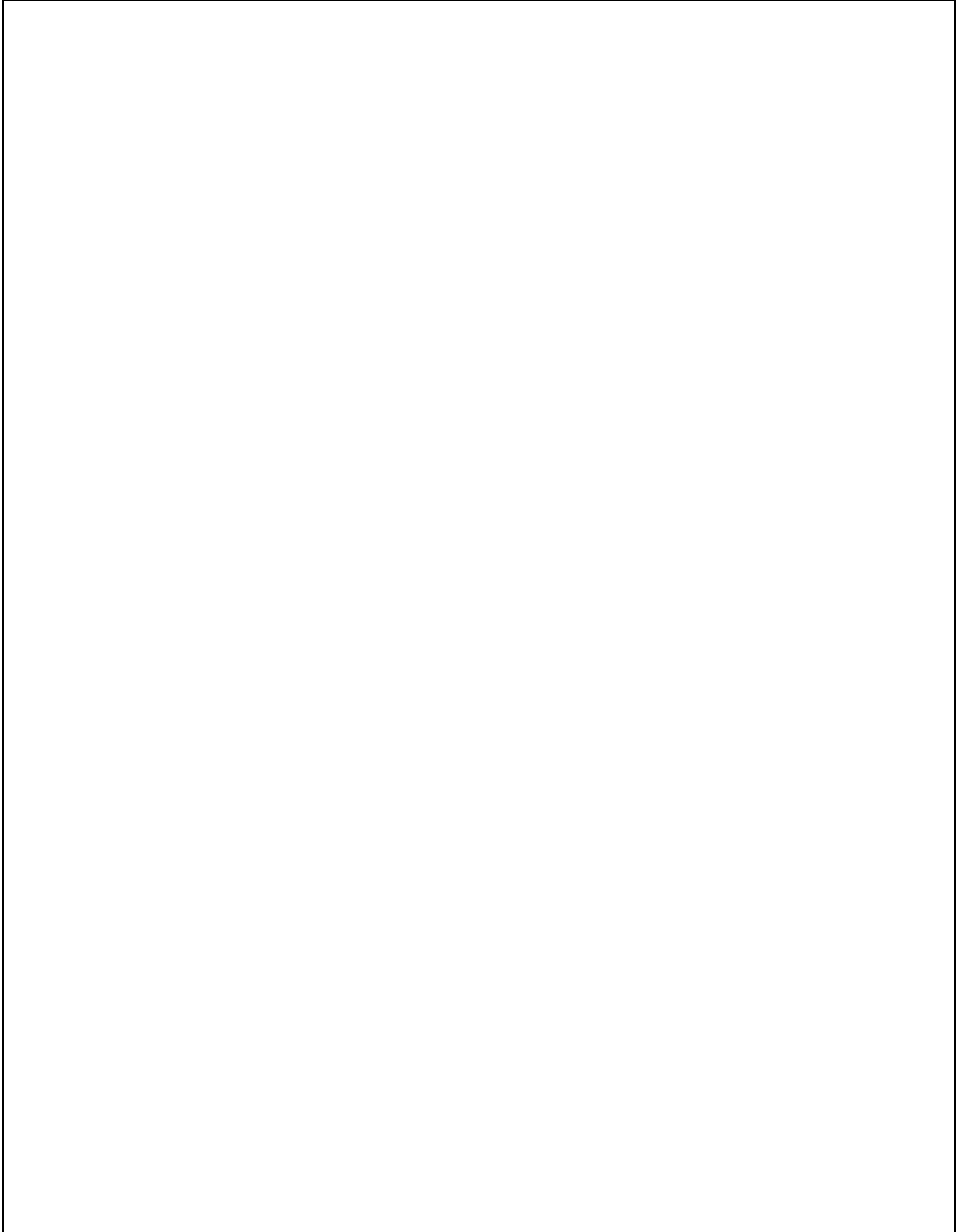
SILVA, Fabiano Weber da; SAMMARCO, Yanina Maicaela. 6. *O Lazer & Arte – Educação Ambiental.* IN: **Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas.** Eunice Aita Isaia Kindel, Fabiano Weber da Silva, Yanina Maicaela Sammarco (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2004.

Site: <<http://www.overmundo.com.br/banco/vamos-brincar-de-percepcao>> no dia 07/11/2007.

ANEXOS

Anexo 2 – Segunda página do questionário aplicado aos alunos no dia 14 de maio de 2007.

③ Faça um desenho de alguma parte desta história.

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for a student to draw a part of a story.

Anexo 3 – “O Flautista Mágico”

O FLAUTISTA MÁGICO

Na cidade de Hamelin, todo mundo era feliz. Nunca faltava comida, sempre havia muita festa e ninguém tinha motivo para se queixar da vida. Mas um dia o povo todo ficou muito aflito, pois de repente começaram a aparecer por lá milhares de ratos. Eles comiam tudo o que achavam pela frente. Mordiam as crianças pequenas, roíam portas e janelas. Não deixavam ninguém em paz.

– O que é que a gente vai fazer para se livrar dessa praga? – perguntavam as pessoas.

– O prefeito precisa tomar uma providência. Vamos falar com ele! – propôs um lenhador.

– Vamos! Vamos! – gritaram todos. E correram para a Câmara Municipal.

Os vereadores já estavam reunidos, tentando encontrar uma solução.

– E se a gente organizasse um exército de gatos? – sugeriu um deles, de barba amarela.

– Mas os gatos desapareceram de Hamelin, com medo dos ratos... – suspirou um outro, de cabelo vermelho.

– A gente manda buscar mais gatos em outra cidade – propôs um terceiro vereador, de roupa preta.

– Nada disso – falou o líder deles. – Vamos é exigir do prefeito que ele resolva esse problema.

Os vereadores foram para a rua e juntaram-se ao povo.

– Queremos acabar com os ratos – gritava a multidão.

– Nós também – berravam os quatro vereadores.

– O que resolveram fazer? – quis saber um camponês.

– Resolveremos fazer o que o prefeito resolver – declarou o velho de barba amarela.

– Vamos lá falar com ele.

E foram todos juntos para a Prefeitura, gritando:

– Acabe com os ratos!

Quando ouviu a gritaria, o prefeito ficou tão apavorado, mas tão apavorado, que trancou todas as portas e se encolheu na cadeira.

– Era só o que me faltava – resmungou ele. – Como é que eu, sozinho, vou acabar com tanto rato? Eles é que deviam matar esses bichos de uma vez e me deixar em paz!

O povo gritava cada vez mais alto. E o prefeito ficava cada vez com mais medo. De repente, alguém começou a bater na porta. O velhote estremeceu:

– Daqui a pouco eles entram aqui e fazem picadinho de mim... Ai, onde é que eu me escondo?

Nisso apareceu na sala, vindo sabe-se lá de onde, um rapazola magrinho, vestido numa roupa vermelha e amarela. Ele usava um chapéu esquisito, enfeitado com uma pena enorme. Na mão, carregava uma flauta preta e comprida.

– Com licença, senhor prefeito – disse o rapaz. – Eu posso levar os ratos embora...

– E como você vai fazer isso? – perguntou o prefeito, muito desconfiado.

– Com minha flauta mágica – explicou o rapazola.

E contou uma história comprida. Disse que uma vez, na China, livrou uma cidade de uma peste de moscas que estava deixando aquele povo inteiramente doido.

– Só toquei a minha flauta e as moscas vieram atrás de mim como se eu fosse feito de mel – afirmou ele.

– E foram para onde? – quis saber o prefeito.

– Para o mar – disse o rapaz. – E se afogaram.

Depois contou que, na Índia, ele tinha matado uma legião de morcegos que assombrava a população.

– Com o poder da minha flauta, joguei todos num abismo bem fundo!

– Então livre a gente desses ratos – pediu o prefeito, bem animado.

– Livro, sim – disse o moço. – Mas o senhor tem de me pagar mil moedas de ouro.

– Eu lhe dou até cinco mil, se conseguir – respondeu o prefeito.

– Jura?

– Palavra de honra!

Assim que acabou de fechar o negócio com o flautista, o prefeito saiu na janela e gritou para o povo:

– Voltem para suas casas! Eu já tenho a solução para o problema dos ratos. Prometo a vocês que, amanhã, não vão encontrar um só desses bichos na nossa cidade.

O pessoal não acreditou muito, mas resolveu ir embora e esperar para ver se o prefeito tinha dito a verdade.

Então, o rapazola saiu pelas ruas de Hamelin, tocando na flauta uma marchinha alegre. Quando escutaram a música, os ratos saíram das tocas e foram correndo atrás do moço, como se estivessem encantados. E as poucas pessoas que viram aquela coisa assombrosa nem souberam o que dizer.

O flautista levou os ratos para um rio bem longe e foi andando pela água até que a bicharada se afogou. E o povo de Hamelin se livrou da praga.

Só Marmaduke, um rato surdo, escapou do encanto. Quando viu que os outros iam atrás do rapazola, ele correu e tentou avisar que ali havia perigo. Mas os ratos estavam mesmo enfeitiçados e nem ouviram. O rato surdo chorou muito a morte dos colegas. Depois, pegou um enorme livro vermelho, onde estavam escritos os nomes de todos os falecidos, e foi para Ratalândia. Então, contou:

– Milhares dos nossos irmãos morreram enganados. Eu proponho que a gente construa um monumento bem bonito em homenagem à memória desses heróis.

Enquanto os ratos choravam pelos mortos e construía o tal monumento, o povo de Hamelin festejava nas ruas o fim da terrível praga. Bandeiras e lanternas coloridas balançavam nas árvores e nos varais que o pessoal tinha colocado. E todo mundo dançava e cantava como se fosse carnaval.

Então, o prefeito apareceu na Prefeitura e pediu um pouco de silêncio. A multidão logo gritou:

– Viva, viva o prefeito!

– Obrigado – agradeceu ele e começou um discurso. – Quero que todos saibam que tive de fazer muita força para acabar com os ratos. Durante semanas, procurei pelo país um homem capaz de resolver o nosso problema. E achei aquele flautista que alguns de vocês viram. Ele já foi embora, com uma gorda recompensa que eu lhe dei do meu próprio bolso...

– Viva! – gritou o povo.

– Obrigado mais uma vez – disse o prefeito. – Agora eu vou descansar. Mas continuem festejando, pois hoje é feriado em Hamelin.

O mentiroso deixou a multidão se divertindo e voltou para dentro da prefeitura. Então, o flautista entrou na sala.

– Bom dia, excelência – disse ele tirando o chapéu. – Eu vim receber minhas moedas.

– Que moedas? – perguntou o prefeito cinicamente.

– As moedas de ouro que combinamos como preço para eu acabar com os ratos – respondeu o rapazola.

– Você está doido – disse o outro. – Eu não prometi nada...

– O senhor não se lembra? Ainda ontem eu estive aqui, ofereci os meus préstimos, e nós acertamos um preço pelo serviço! – insistiu o flautista.

– Eu lembro que você esteve aqui e ofereceu os seus préstimos – disse o prefeito. – Mas também me lembro de não ter combinado preço nenhum com você...

Nessa hora, o rapazola perdeu a calma e gritou:

– Não se faça de esperto comigo, seu caloteiro! A gente combinou, sim, e o senhor tem de me pagar.

O prefeito se levantou, abriu os braços e disse:

– Pois não pago! E o que é que você vai fazer?

– Desta vez tocarei algo bem diferente...

O rapazola saiu da Prefeitura bufando de raiva e pensando em como podia fazer para se vingar daquele mentiroso.

– Já sei – resmungou, depois de refletir um pouco. – O sem-vergonha vai se arrepender!

Nem bem tomou essa decisão, pegou a flauta e começou a tocar uma marchinha bem animada. Na mesma hora, a criançada largou tudo o que estava fazendo e correu atrás dele, encantada com a música.

– Venham – gritava o flautista de vez em quando. – Vou levar vocês para uma cidade encantada, onde tudo é alegria!

Todas as crianças saíram de casa e foram atrás dele. E o rapazola ia tocando a marchinha, cada vez mais forte. Assim, levou a turma de crianças para a montanha mais distante da cidade. As mães e os pais, quando deram por falta da criançada, ficaram apavorados e correram atrás dos filhos.

– Aonde é que vocês vão, seus desmiolados? – gritavam os pais.

– Voltem aqui – pediam as mães.

Mas a meninada, enfeitada com a música do flautista, nem ouvia.

No pé da montanha, o músico parou. Fez um gesto com o braço e disse:

– Caverna, caverninha, abra bem a sua portinha, para guardar cada criancinha.

Na mesma hora, a caverna se abriu e o flautista levou a garotada para dentro. Depois saiu, disse a fórmula mágica para fechar a caverna e foi embora voando. Só ficou de fora um menino que estava com a perna quebrada e não conseguiu andar depressa. E com ele ficaram os pais e as mães das crianças desaparecidas.

Durante dias e noites, os pais e as mães das crianças tentaram achar um jeito de libertar os filhos. Os homens procuraram cavar um buraco na caverna, mas não conseguiram nem fazer um furo. As mulheres chamavam e choravam.

Quando soube da vingança do flautista, o prefeito ficou com um medo danado do que o povo podia fazer com ele.

– Por enquanto, todo mundo está chorando – dizia ele. – Mas logo, vão pôr a culpa em mim!

No dia seguinte, antes mesmo de raiar o sol, ele fez a trouxa e meteu o pé na estrada. Quando o pessoal voltou da montanha, foi para a Prefeitura exigir satisfações. Mas não achou nem pista do caloteiro. Durante anos, aquela foi a cidade mais triste do mundo.

Tempos depois, o prefeito tentou voltar a Hamelin, para pegar um dinheiro que havia esquecido. Quando o povo o reconheceu, o velho levou a maior surra e foi parar na cadeia.

Ao saber disso, o flautista libertou todas as crianças, para a alegria do menino que tinha ficado sozinho. Naquele dia, aconteceu a maior festa em Hamelin. E os pais aprenderam uma lição: nunca mais escolheram mentirosos nem caloteiros para prefeito da cidade.

Fonte: CONTE OUTRA VEZ – As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos. São Paulo: Ed. Globo, 1991.

Anexo 4 – “A Raposa e o Lenhador”

A RAPOSA E O LENHADOR

Em algum lugar existiu um lenhador que acordava às 6 horas da manhã e trabalhava o dia inteiro cortando lenha, e só parava tarde da noite. Esse lenhador tinha um filho lindo, de poucos meses; e uma raposa, sua amiga, a qual tratava como bicho de estimação de sua total confiança.

Todos os dias o lenhador ia trabalhar e deixava a raposa tomando conta do seu filho. Todas as noites ao retornar do trabalho, a raposa ficava feliz com sua chegada. Os vizinhos do lenhador alertavam que a raposa era um bicho, um animal selvagem; e portanto, não era confiável. Quando ela sentisse fome, ela comeria a criança. O lenhador, sempre retrucando como os vizinhos, falava que isso era uma grande bobagem. A raposa era sua amiga e jamais faria isso. Os vizinhos insistiam:

– Lenhador, abra os olhos! A raposa vai comer seu filho!

Um dia, o lenhador, muito exausto do trabalho e muito cansado desses comentários, ao chegar em casa, viu a raposa sorrindo como de sempre e sua boca totalmente ensangüentada. O lenhador souou frio e, sem pensar duas vezes, acertou o machado na cabeça da raposa.

Ao entrar no quarto, desesperado, encontrou seu filho no berço, dormindo tranqüilamente, e ao lado do berço uma cobra morta.

O lenhador enterrou o machado e a raposa juntos. Neste lugar nasceu uma linda árvore que jamais seria cortada.

“Se você confia em alguém, não importa que os outros pensem a respeito... Siga sempre seu caminho, não se deixe influenciar... Não vale a pena.”

Fonte: <<http://www.mensagensvirtuais.com.br/msgs.php?id=3916>>, pesquisado no dia 23 de março de 2007.

Anexo 5 – “A Cigarra e a Formiga”

A CIGARRA E A FORMIGA

Em uma floresta muito longe daqui, havia uma cigarra que só cantava e uma formiguinha que só trabalhava. Certo dia, a cigarra se dirigiu à formiga:

– Mas veja só, formiguinha! Você só trabalha! Por que não descansa um pouco e vem aqui cantarolar comigo?

– Não posso, D. Cigarra! O tempo frio logo virá, e eu ainda preciso juntar muitas florzinhas e folhinhas para o inverno!

– Que bobagem! Para que juntar tantas florzinhas e folhinhas?

– Porque no inverno não haverá mais comida, tudo ficará coberto pela neve.

A cigarra deu uma boa gargalhada e continuou a cantar, enquanto a formiga se apressava em juntar mais e mais flores e folhas.

O inverno então chegou. A formiga estava em sua casa, bem quentinha. Já a cigarra não conseguia mais cantar, pois tinha ficado gripada do frio. Sua barriga roncava de fome e ela exclamava:

– Ai, que frio!!! O lago está todo congelado! Brrrr!!! Como vou fazer para sobreviver ao inverno? Já sei! Vou procurar a minha amiga formiga!

Então, a cigarra se dirigiu para a casa da formiga e bateu na porta. A formiguinha abriu.

– Por favor, D. Formiguinha, deixe-me passar o inverno na sua casa! Eu estou com muito frio e fome!

– Ah, D. Cigarra, não foi a senhora que disse que era bobagem ficar trabalhando o verão inteiro ao invés de cantarolar?

– Bem... É... Mas agora vejo que não era bobagem. Por favor, minha amiga! Por favor!

Então a formiguinha, com pena da cigarra, disse:

– Esta bem, D. Cigarra, mas com uma condição: que no verão que vem você me ajude a juntar florzinhas e folhinhas para o próximo inverno!

– Eu aceito a condição, D. Formiguinha! Eu aceito!

E as duas entraram na casa da formiga e lá passaram todo o inverno bem aquecidas e cantarolando as canções da cigarra.